



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/03/2019 a 14/03/2019

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e Aluna ADM – Administração UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/03/2019	8,83	299,10	29,39	4,32	3,52
11/03/2019	8,77	296,70	29,40	4,22	3,52
12/03/2019	8,84	298,30	29,78	4,46	3,56
13/03/2019	8,89	300,20	26,69	4,40	3,57
14/03/2019	8,98	301,80	29,40	4,48	3,61
Média	8,86	299,22	28,93	4,38	3,56

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	73,75	-2,48
RS - Santa Rosa	72,88	-2,51
RS - Ijuí	72,88	-2,51
PR - Cascavel	73,44	-0,25
MT - Rondonópolis	70,25	1,44
MS - Ponta Porã	70,00	-1,41
GO - Rio Verde (CIF)	69,38	-1,60
BA - Barreiras (CIF)	69,00	-1,43
MILHO		
Argentina (FOB)**	160,25	-1,08
Paraguai (FOB)**	130,38	-0,86
Paraguai (CIF)**	176,25	-0,70
RS - Erechim	37,94	0,17
SC - Chapecó	38,81	-2,36
PR - Cascavel	35,13	-1,75
PR - Maringá	36,81	-0,51
MT - Rondonópolis	30,50	0,00
MS - Dourados	32,63	-2,61
SP - Mogiana	39,75	-0,63
SP - Campinas (CIF)	43,31	-1,28
GO - Goiânia	35,69	-0,17
MG - Uberlândia	38,75	0,00
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	825,00	0,00
RS - Santa Rosa	815,00	0,00
PR - Maringá	950,00	0,00
PR - Cascavel	930,00	0,00

Período entre 08/03/2019 a 14/03/19

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 14/03/2019**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	32,55	71,80	41,38

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
14/03/2019**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	39,82
Feijão (saco 60 Kg)	177,06
Sorgo (saco 60 Kg)	24,90
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,17
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,17
Boi gordo (Kg vivo)*	5,17

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago, para o primeiro mês cotado, após recuarem para US\$ 8,77/bushel no início da semana, se recuperaram um pouco e fecharam esta quinta-feira (14) em US\$ 8,89. Deve-se considerar a forte baixa do farelo de soja. A tonelada curta do produto, em Chicago, chegou a bater em US\$ 296,70 durante esta semana, valor que não era visto naquela Bolsa desde o dia 1º de setembro de 2017, ou seja, há quase 19 meses.

A baixa inicial foi provocada, mais uma vez, pelo desempenho ruim das exportações estadunidenses de soja. Na prática, as vendas líquidas somaram apenas 311.400 toneladas na semana encerrada em 28/02, para o ano comercial 2018/19, e 72.000 toneladas para o ano 2019/20. A soma dos dois anos ficou muito abaixo do esperado pelo mercado, que era um volume entre 600.000 e 1,2 milhão de toneladas. Já as inspeções de exportação chegaram a 874.363 toneladas na semana encerrada em 07/03, acumulando desde 1º de setembro, quando se iniciou o atual ano comercial 2018/19, um total de 26,8 milhões de toneladas, contra 39,7 milhões em igual período do ano anterior.

A China continua comprando soja dos EUA desde o início da trégua comercial entre os dois países, porém, em volumes muito abaixo da expectativa do mercado.

Somou-se a isso o fato de ainda não ter surgido grandes novidades quanto ao encerramento do conflito comercial entre EUA e China. Neste sentido, o presidente dos EUA declarou, no início da semana, que somente assinará um acordo se o mesmo favorecer aos EUA, dando a entender que falta muito para finalizá-lo. Todavia, no transcorrer da semana seus secretários de estado deram conta de que as negociações prosseguem, que em futura data os presidentes dos dois países se reunirão, e que um acordo final poderá sair nas próximas semanas. Estas últimas declarações melhoraram o ânimo do mercado no final da semana.

Ajudou para isso o anúncio da CONAB de que a safra brasileira será ainda menor do que as 115,3 milhões de toneladas apontadas em fevereiro. O relatório de março indica um volume final de 113,4 milhões, contra 119,3 milhões (número revisto) colhidas na safra anterior. Assim, o recuo na produção brasileira, neste momento, está estimado em 4,9% ou 5,9 milhões de toneladas. Na prática, o clima causou problemas em algumas regiões produtoras de forma mais profunda, caso da metade sul gaúcha que teria perdido mais de um milhão de toneladas.

Afora isso, tivemos o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA no dia 08/03. O mesmo, para a soja, poucas novidades trouxe. A produção dos EUA, colhida em novembro, foi mantida em 123,7 milhões de toneladas, porém, seus estoques finais para 2018/19 sofreram um pequeno corte, ficando agora em 24,5 milhões de toneladas. A produção brasileira foi reduzida, porém, ainda acima do esperado pelos órgãos públicos nacionais, ficando agora em 116,5 milhões de toneladas, enquanto a produção da Argentina foi mantida em 55 milhões de toneladas. Já as importações da China se mantiveram em níveis bem abaixo do auge esperado em anos anteriores, se consolidando em 88 milhões de toneladas para o atual ano comercial.

Diante disso, o relatório pouco influenciou as cotações em Chicago durante esta semana.

Aqui no Brasil, o câmbio se manteve oscilando entre R\$ 3,80 e R\$ 3,88, dando suporte aos preços da soja em reais. Com isso, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 71,80/saco, enquanto os lotes fecharam a semana mais baixos, entre R\$ 71,50 e R\$ 72,00/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes ficaram entre R\$ 62,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 78,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 73,50 no norte e centro do Paraná; R\$ 67,50 em São Gabriel (MS); R\$ 67,00 em Goiatuba (GO); R\$ 69,50 em Pedro Afonso (TO); e R\$ 69,00/saco em Uruçuí (PI).

Os prêmios nos portos brasileiros continuaram muito fracos, girando entre US\$ 0,03 e US\$ 0,36/bushel na semana.

A colheita da safra atual avança, se aproximando de 60% da área total no país, sendo que no Rio Grande do Sul, até 07/03, a mesma atingia a 8% da área, contra 4% na média histórica.

Já a comercialização da atual safra, até o dia 08/03, chegava a 43% da safra total esperada, contra 50,3% na média para esta época do ano. Por Estado produtor, o comportamento das vendas da atual safra era o seguinte: Rio Grande do Sul com 22% negociado, contra 30% na média; Paraná 35% negociado, contra 38% na média; Mato Grosso 56%, contra 63%; Mato Grosso do Sul 45%, contra 48%; Goiás 47%, contra 59%; São Paulo 42%, contra 39%; Minas Gerais 37%, contra 53%; Bahia 43%, contra 59%; Santa Catarina 29%, contra 29%; o conjunto dos demais estados produtores 50%, contra 64% (destes, Maranhão com 53%, Piauí com 45% e Tocantins com 53%). (cf. Safras & Mercado)

Até o dia 10/03 as exportações brasileiras de grãos de soja atingia a 8,1 milhões de toneladas no ano comercial 2019/20, iniciado em 1º de fevereiro, contra 6,3 milhões no ano anterior na mesma época. O volume total esperado para o ano indicado é de 70 milhões de toneladas.

De forma geral, os preços da soja continuarão a sofrer pressão baixista no curto prazo, diante da colheita que está mais acelerada neste ano, porém, a redução na produção final confirma a tendência de que os preços devam oscilar em torno das médias atuais. Obviamente, tal quadro pode mudar especialmente em função das oscilações cambiais no Brasil. Aliás, os preços melhoraram um pouco devido, justamente, a desvalorização do Real nestes últimos quase 30 dias, com o mesmo passando de R\$ 3,71 em 20/02 para um pico de R\$ 3,87 por dólar no dia 08/03 (4,3% de variação), para posteriormente voltar a R\$ 3,81 no dia 12/03.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 21/02/2019 a 14/03/2019.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 21/02/2019 e 14/03/2019 (CBOT)

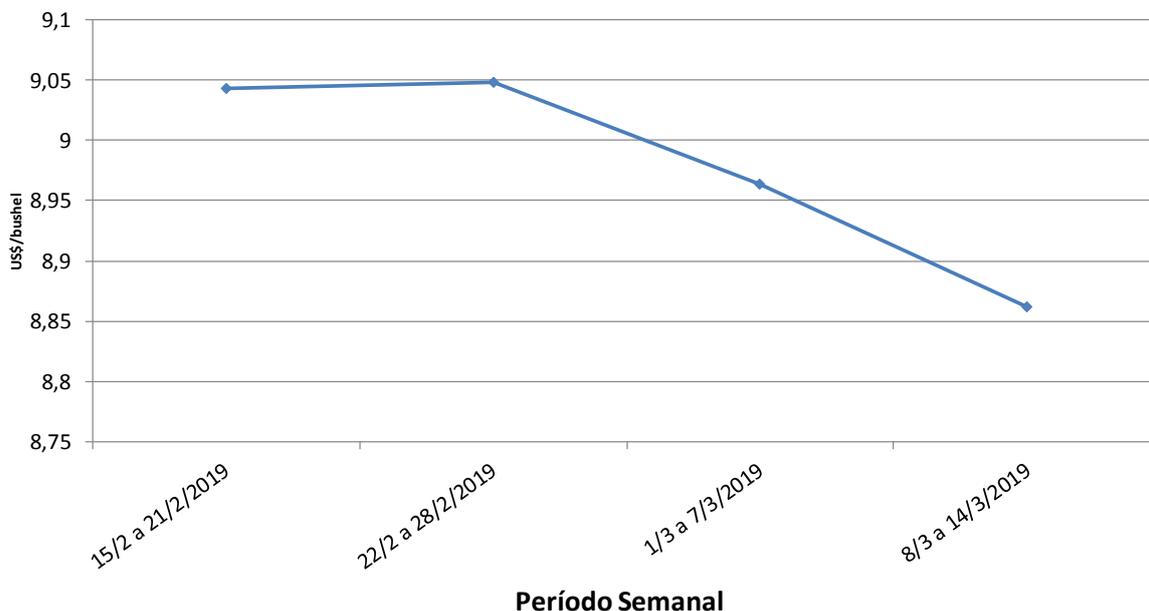
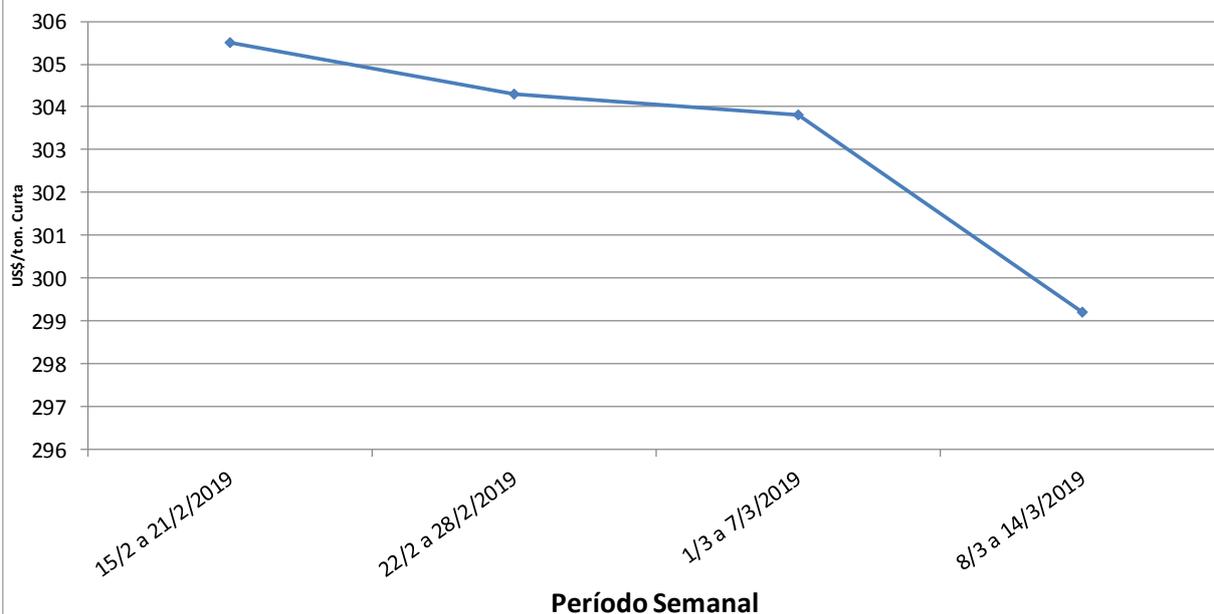
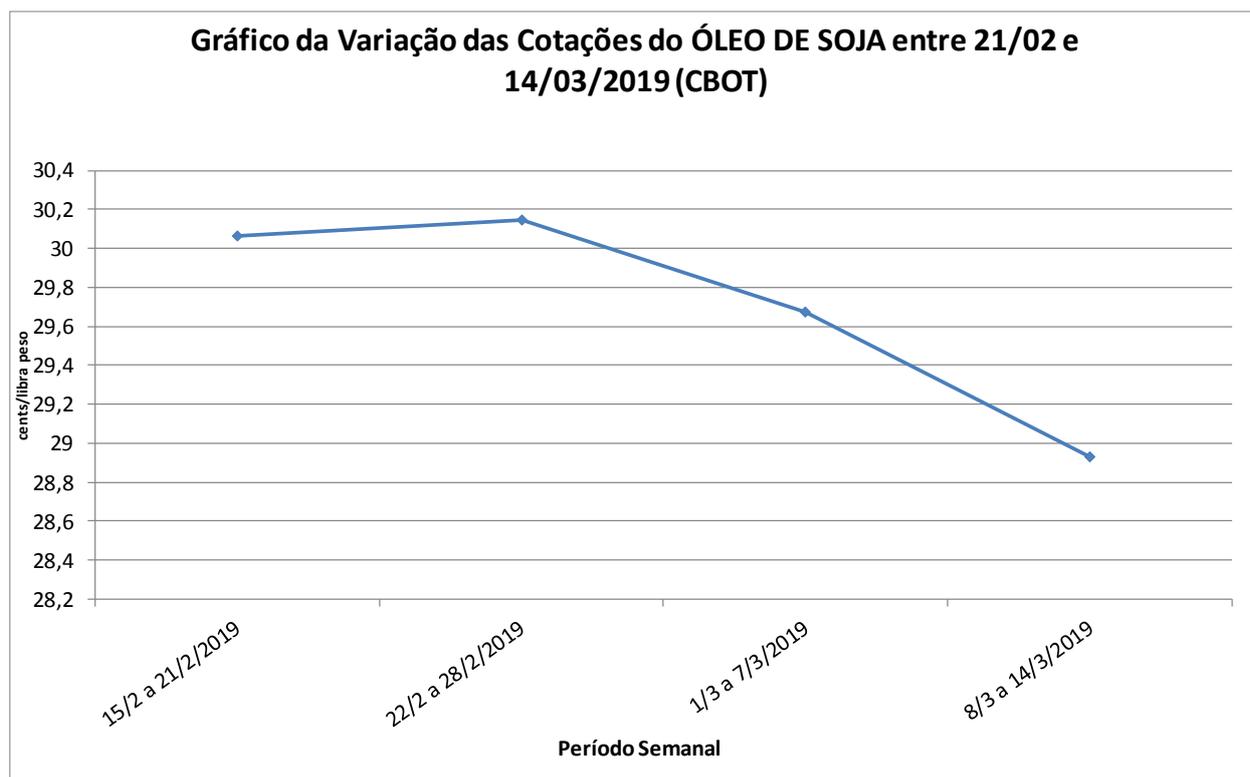


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 21/02 e 14/03/2019 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, após ensaiarem novo recuo durante a semana, acabaram fechando a quinta-feira (14) um pouco melhores do que uma semana antes. O primeiro mês cotado fechou em US\$ 3,61/bushel, contra US\$ 3,56 uma semana antes.

O mercado foi influenciado por dados divulgados pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), com sede em Paris, onde aparece que o ritmo de crescimento econômico mundial está se reduzindo. Ao mesmo tempo, há um interesse maior pelo dólar estadunidense no mercado internacional, fato que pressiona o preço das commodities, pois tira competitividade dos produtos dos EUA, mesmo que isso possa provocar uma freada nas intenções de aumento dos juros básicos naquele país.

Em paralelo, as exportações semanais de milho por parte dos EUA ficaram dentro da normalidade, atingindo a 969.700 toneladas na semana anterior e 765.600 toneladas na semana passada. Ou seja, os baixos preços do cereal em Chicago não estão estimulando as vendas externas estadunidenses.

Ao mesmo tempo, a safra de milho da Argentina se desenvolve normalmente, mesmo diante de excesso de chuvas nas últimas semanas. Lembramos que o vizinho país é um importante exportador do cereal, assim como o Brasil. A safra da Argentina começa a entrar no mercado a partir de abril.

O processo de baixa só não foi maior porque durante a semana houve um repique de preço junto ao trigo, fato que deu certa sustentação ao milho na Bolsa.

Enfim, o relatório do USDA, no dia 08/03, não apontou novidades expressivas. O mesmo, além de confirmar a safra dos EUA, já colhida no final de 2018, em 366,3 milhões de toneladas, aumentou os estoques finais naquele país para 46,6 milhões de toneladas. A produção mundial foi mantida em 1,1 bilhão de toneladas, enquanto os estoques mundiais do cereal recuaram um pouco, atingindo a 308,5 milhões de toneladas. A produção do Brasil, para este ano comercial 2018/19, foi mantida em 94,5 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina permaneceu estimada em 46 milhões. O Brasil deverá exportar ao redor de 29 milhões de toneladas neste ano.

Por sua vez, a tonelada FOB de milho na Argentina fechou a semana em US\$ 161,00, enquanto no Paraguai a mesma ficou em US\$ 130,00.

Já no Brasil, os preços médios do cereal pouco se alteraram nesta segunda semana de março. O balcão gaúcho registrou R\$ 32,55/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 35,50 e R\$ 37,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 25,00/saco em Campo Novo do Parecis e Sorriso (MT) e R\$ 42,00/saco em Itanhandu (MG), passando por R\$ 38,50 em Videira e Campos Novos (SC).

Em São Paulo o mercado continuou pressionado pela falta de oferta. Houve negócios a R\$ 44,00/saco com ICMS e o cereal local não é encontrado por menos de R\$ 43,40 a R\$ 44,50/saco no CIF Campinas. Uma retomada das compras é esperada para os próximos dias, fato que poderá puxar ainda mais os preços locais, já que há pouco milho para colher no curto prazo. Em Minas Gerais o forte da colheita de verão está ficando para abril. Neste contexto, o contrato Maio na BMF de São Paulo deixa a entender que os operadores esperam que até 15/05 haja milho disponível no interior paulista entre R\$ 30,00 e R\$ 32,00/saco no CIF Campinas. Ora, é bom lembrar que a safrinha somente entrará no mercado em junho, fato que poderá frustrar a expectativa dos operadores de alcançarem preços mais baixos em meados de maio. Na verdade, o mercado futuro esperava que março já apresentasse preços mais baixos, fato que não ocorreu. Neste momento, tenta apostar em preços menores para maio, cerca de R\$ 3,00/saco abaixo do preço à vista. Ora, para viabilizar estes níveis (R\$ 39,00/saco para o contrato de maio), o mercado paulista terá que recuar a R\$ 30,00/R\$ 32,00 ao produtor, R\$ 34,00/R\$ 35,00 nas cooperativas e cerealistas, e R\$ 39,00/R\$ 40,00 no CIF Campinas. Algo, por enquanto, considerado um tanto difícil (cf. Safras & Mercado)

Enquanto isso, no Mato Grosso a safrinha aponta valores entre R\$ 19,00 e R\$ 20,00/saco, porém, sem compradores. No Paraná, a mesma chega a preços de R\$ 32,00 no oeste e norte do Estado, enquanto os compradores se posicionam entre R\$ 28,00 e R\$ 29,00/saco para produto bem localizado. No porto de Paranaguá o disponível está em R\$ 42,00/saco enquanto a safrinha alcança entre R\$ 38,00 e R\$ 39,00. Já em Goiás há notícias de safrinha ao redor de R\$ 26,60/saco para agosto/setembro, com tradings indicando valores abaixo de R\$ 25,00 e ofertas acima de R\$ 26,00/saco. (cf. Safras & Mercado)

Com a expectativa de a safrinha começar a surgir no mercado a partir de junho, no Mato Grosso espera-se que o produto inicial fique no próprio Estado, já que o mesmo está solicitando leilões de venda para atender sua própria demanda.

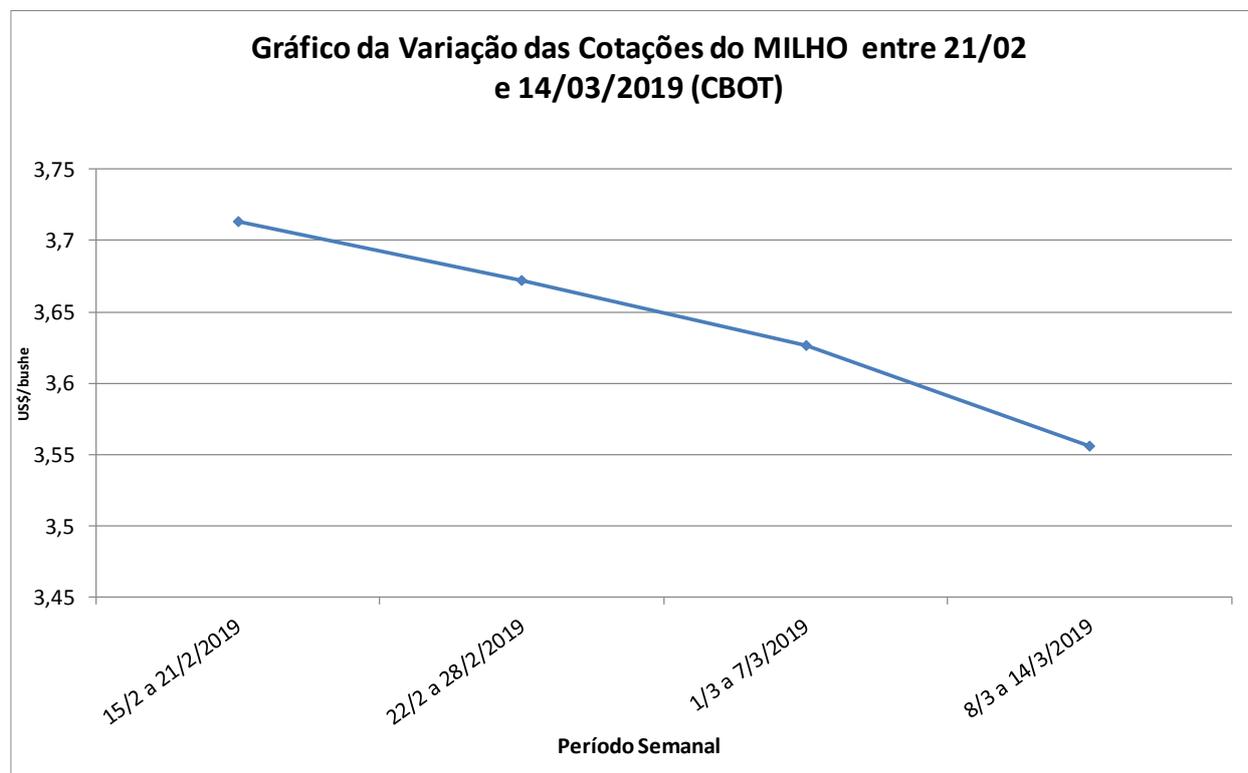
Dito isso, se ocorrer pressão de oferta no mercado físico, os preços poderão ceder mais cedo e o produtor, talvez, aceite vender abaixo de R\$ 30,00/saco na safrinha em São Paulo. Mas está longe de ser uma situação clara nos diferentes Estados produtores. Isto conforta a posição de analistas de que a posição Setembro na BMF estaria exageradamente baixa, podendo encontrar dificuldades em manter tal posição até a colheita da safrinha. (cf. Safras & Mercado)

Em paralelo, contrariando a CONAB, que estima a safrinha brasileira de 2019 em 66,6 milhões de toneladas (23,6% acima do colhido no ano anterior), o analista privado Safras & Mercado estima 62,8 milhões de toneladas, sendo que já na primeira quinzena de março a comercialização da mesma chegava a 17% do total esperado. Mato Grosso, com 27%, e Goiás/DF, com 23% são as regiões que mais venderam antecipadamente a safrinha de milho até este momento.

É bom lembrar igualmente que até o dia 08/03 o plantio da safrinha no Centro-Sul brasileiro não estava concluído, atingindo a pouco mais de 91% da área esperada.

Enfim, no Rio Grande do Sul, a colheita da safra de verão de milho atingia a 51% da área em 07/03, contra 45% na média histórica para esta época do ano. (cf. Emater)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 21/02/2019 a 14/03/2019.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, após recuarem para níveis somente vistos em meados de janeiro de 2018 (o primeiro mês cotado bateu em US\$ 4,22/bushel), recuperaram-se no final da corrente semana, com o bushel fechando o dia 14/03 em US\$ 4,48 para o primeiro mês cotado, contra US\$ 4,31 uma semana antes.

O trigo estadunidense continua sem competitividade no mercado mundial, com as vendas líquidas do produto, referentes ao ano comercial 2018/19, iniciado em 1º de junho, atingindo apenas 621.700 toneladas na semana encerrada em 28/02. Já as inspeções de exportação atingiram a 592.001 toneladas na semana encerrada em 07/03, acumulando desde o início do atual ano comercial, em 1º de junho, um total de 17,6 milhões de toneladas, contra 18,7 milhões no acumulado do ano anterior nesta mesma época.

Por sua vez, o relatório do USDA, informado no dia 08/03, foi neutro para o mercado do cereal. O mesmo confirmou uma safra estadunidense de 51,3 milhões de toneladas em 2018/19, com estoques finais um pouco maiores, chegando a 28,7 milhões. Já a produção mundial seria de 733 milhões de toneladas, com estoques finais mais elevados, atingindo a 270,5 milhões. A produção brasileira teria ficado em 5,4 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina bateu em 19,5 milhões. O Brasil importaria um total de 7,5 milhões de toneladas de trigo no corrente ano comercial.

Em meados da semana as cotações registraram um repique de alta, diante de sinais de que o mercado estaria sobreendido em Chicago, devendo levar a um movimento de recompra de contratos. Ao mesmo tempo, haveria agora excesso de umidade nas Planícies produtoras estadunidenses, com riscos à germinação do trigo de primavera, além da possibilidade de perdas na safra deste produto. Neste repique, o bushel ganhou mais de 20 pontos apenas no dia 12/03, diante de compras técnicas puxadas pelos pontos acima descritos.

Entretanto, a realidade do mercado continua pressionando as cotações diante da grande oferta mundial, confirmada no relatório do USDA. Tanto é verdade que o movimento de alta não se sustentou e Chicago voltou a recuar no restante da semana.

No Mercosul, a tonelada de trigo para exportação girou entre US\$ 220,00 e US\$ 225,00 na compra, sendo que a safra nova recuou para US\$ 180,00 na Argentina.

E no Brasil, os preços do cereal pouco se alteraram. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 41,38/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 48,00/saco. No Paraná, o balcão se manteve em R\$ 50,00, enquanto os lotes permaneceram entre R\$ 54,00 e R\$ 55,20/saco. Já em Santa Catarina, o balcão continuou entre R\$ 42,00 e R\$ 43,00/saco, enquanto na região de Campos Novos os lotes ficaram em R\$ 51,00.

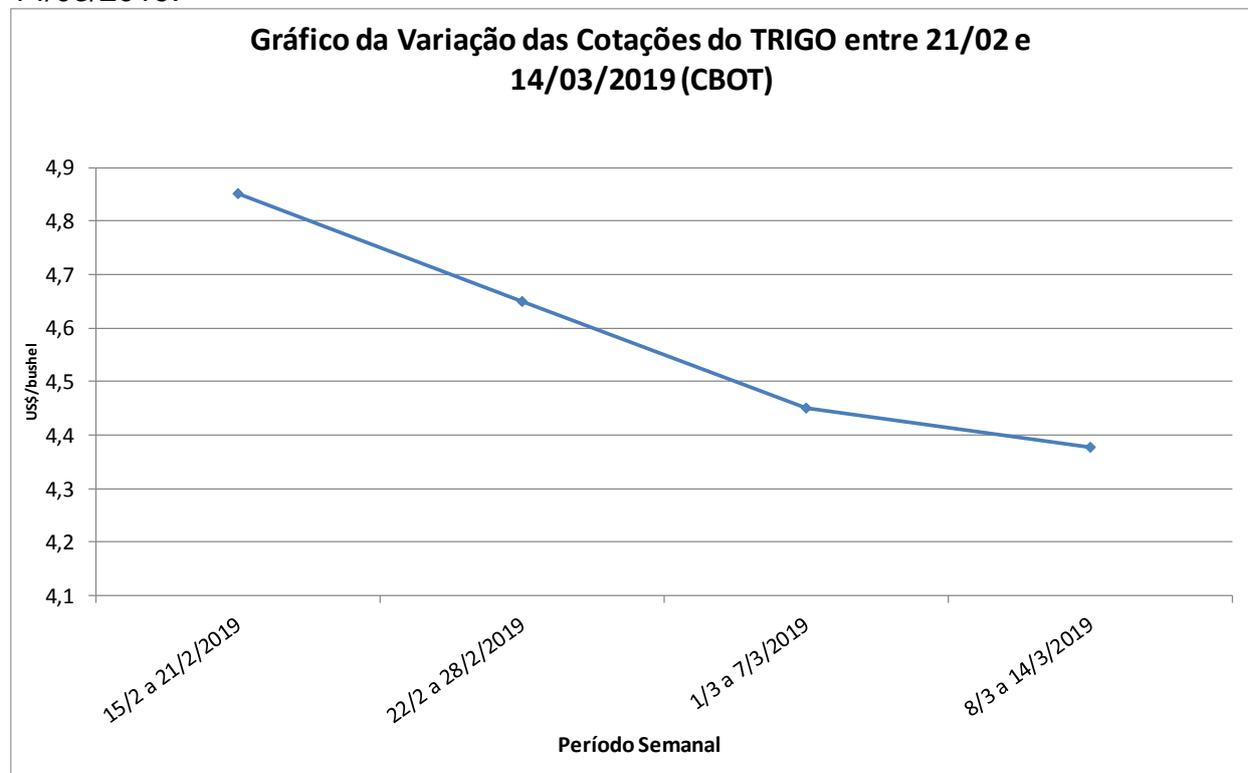
Em nosso país, os moinhos continuam com estoques importantes, não havendo demanda imediata pelo produto nacional restante. Espera-se que os mesmos voltem às compras nas próximas semanas. Todavia, se vierem, será principalmente em busca do trigo importado, o qual está com preços baixos. Apenas uma desvalorização consistente do Real poderá impedir este movimento ou provocar, a partir do mesmo,

uma alta nos preços internos do cereal. Assim, também aqui o câmbio será chave para definir o caminho dos preços do trigo nacional nas próximas semanas e mesmo meses.

De forma geral, os preços internos do trigo continuam balizados pelo comportamento do mercado argentino e dos preços de importação do cereal procedente do vizinho país. Neste sentido, segundo o governo argentino, o país teria exportado, até o final de fevereiro, um total de 6,33 milhões de toneladas, as indústrias locais compraram 1,89 milhão e a produção local seria de 19,2 milhões. Somando-se os estoques iniciais, de 1,57 milhão de toneladas, a Argentina teria 12,6 milhões de toneladas disponíveis neste meados de março. Considerando que os moinhos locais ainda precisarão comprar 4,2 milhões de toneladas, e que 1,5 milhão de toneladas deverá ficar para estoques finais, o vizinho país ainda teria 6,9 milhões de toneladas para exportar (a partir de dados de Safras & Mercado). Este número segura os preços no Brasil, pois oferece garantias de abastecimento para os próximos meses, sem falar nas aquisições do Paraguai e do Uruguai, além de outros países.

Neste contexto, destaca-se que o Brasil tem importado muito trigo nestes últimos meses. Entre agosto/18 (início do ano comercial do trigo nacional) e fevereiro/19 o país importou 4,09 milhões de toneladas, contra 3,16 milhões em igual período do ano anterior. Ou seja, praticamente um milhão de toneladas a mais. A Argentina foi o principal fornecedor do cereal, com 3,5 milhões de toneladas no período, correspondendo a 86,2% do total comprado, seguida do Paraguai com 315.000 toneladas, EUA com 155.000 toneladas, do Canadá com 63.000 toneladas e outras origens com 31.000 toneladas. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 21/02/2019 a 14/03/2019.



ENDEREÇO: RUA DO COMÉRCIO, 3000 CAMPUS - PRÉDIO EPSÍLON CX. POSTAL: 560
BAIRRO UNIVERSITÁRIO - CEP: 98700-000 IJUÍ – RS - BRASIL
FONE: (55) 0**55 3332-0487 FAX: (55) 0**55 3332-0481 E-MAIL: ceema@unijui.edu.br